

ATIVIDADE ECONÔMICA

Atividade econômica: dados recentes e previsões para 2021 e 2022

Sumário

A análise recente dos indicadores de atividade econômica corrobora, em grande medida, as expectativas da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea em relação aos cenários de curto e médio prazo para a economia brasileira – discutidos em junho deste ano na visão geral¹ da *Carta de Conjuntura* nº 51. Conforme prevíamos, apesar da melhora no ambiente macroeconômico, refletida no aumento generalizado dos indicadores de confiança nos últimos meses, o produto interno bruto (PIB) deverá apresentar um resultado próximo à estabilidade no segundo trimestre, quando comparado aos primeiros três meses do ano. Enquanto os resultados do Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indicam uma contração de 0,3% na margem do PIB no segundo trimestre, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) estima crescimento de 0,1% da atividade econômica no mesmo período. De um lado, os efeitos do recrudescimento da pandemia de Covid-19 sobre o nível de atividade no início de 2021 se mostraram menos intensos do que no início da crise sanitária – como discutido na *Carta de Conjuntura* nº 51. De outro lado, a indústria de transformação continuou enfrentando escassez de matéria-prima, o que restringiu a oferta em alguns segmentos. Além disso, o ritmo de recuperação ainda modesto observado nos indicadores de mercado de trabalho, juntamente com a aceleração da inflação, constituiu dificuldades para um crescimento mais robusto da demanda interna.

Esta nota analisa indicadores desagregados de indústria, comércio e serviços e mostra que os indicadores dos dois primeiros setores vieram, até agora, em linha com o nosso cenário detalhado na visão geral (de junho), ao passo que os serviços têm apresentado desempenho um pouco melhor que o previsto anteriormente. Essa melhora dos serviços tende a ser compensada pela menor expectativa de crescimento do valor adicionado do setor da agropecuária, conforme ressaltado na *Nota de Conjuntura* nº 18.² Diante desse cenário, nossas previsões de crescimento para 2021 (4,8%) e 2022 (2%) permanecem inalteradas. Cabe destacar, contudo, vários fatores de risco para esse cenário; em particular, a atual crise hídrica e a recente piora no quadro de contágio da Covid-19 em função da variante delta, no país e no mundo.

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

Divulgado em 27 de agosto de 2021.

1. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/06/visao-geral-da-conjuntura-11/>>.

2. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/08/projecao-do-valor-adicionado-do-setor-agropecuaria-para-2021-e-2022/>>.

1 Atualização do cenário geral e das previsões para a atividade econômica



O aumento registrado pelos indicadores de mobilidade urbana nos últimos meses tem contribuído para a recuperação do setor de serviços – setor que ainda tem segmentos com faturamento em níveis bastante inferiores àqueles observados no período pré-pandemia. No segundo trimestre, de acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto a receita total do setor acumulou ganho real de 4,4%, o segmento referente aos serviços prestados às famílias registrou aumento de 40,3%. Com isso, o PIB do setor poderá registrar desempenho um pouco acima do previsto anteriormente, com a taxa interanual passando de 9,9% para 10,6%. A recuperação do setor ao longo do ano continuará sendo um importante *driver* para o crescimento da demanda doméstica, com impactos positivos no mercado de trabalho. No resultado acumulado no ano, o crescimento previsto passaria de 4,5% para 4,8% (tabela 1). Para julho, a Dimac/Ipea estima que a receita de serviços medida pela PMS apresente alguma acomodação, com queda de 1% na série sem efeitos sazonais e alta interanual de 14,3%. Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficaria em 0,6%.

Além da melhora da dinâmica epidemiológica da Covid-19 no Brasil em maio e junho, a retomada de alguns programas de transferência de renda – iniciada em abril com o auxílio emergencial e o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda – ajuda a explicar o crescimento do comércio varejista no segundo trimestre do ano. Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, as vendas no varejo aumentaram 3% no período, na série dessazonalizada. Com isso, nossa previsão para o consumo de bens e serviços sofreu elevação, passando de 11,7% para 12,5% sobre o segundo trimestre de 2020. Para o resultado anual, o crescimento esperado passou de 3,9% para 4,1%. Apesar desse bom desempenho, a lenta recuperação do mercado de trabalho continua sendo um fator negativo, principalmente para as faixas de renda mais baixas, em que o impacto da aceleração inflacionária tem sido mais severo.³ Além disso, uma possível migração de parte do consumo de bens para serviços pode vir a reduzir o ímpeto do comércio nos próximos meses. Em relação à PMC de julho, a Dimac/Ipea estima que tenha havido queda de 0,4% na margem, com crescimento interanual de 4,8%. O *carry-over* para o terceiro trimestre ficaria em -0,9%. Em relação ao resultado do consumo do governo, revisamos nossas projeções para o resultado trimestral, que passou de 4,9% para 3,9% na comparação interanual, e o acumulado no ano, que passou de 2% para 1,8% em 2021.

Com base no desempenho dos indicadores de maior frequência, nossa previsão anterior para o crescimento do PIB do setor industrial no segundo trimestre sofreu pequena redução, passando de 17,4% para 17%. O crescimento esperado para 2021 caiu de 5,7% para 5,4%. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), do IBGE, a produção física da indústria recuou 2,5% no segun-

3. Como mostra o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda, disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/08/inflacao-por-faixa-de-renda-julho2021/>>.

do trimestre, na comparação com ajuste sazonal. Entre as classes, o segmento das indústrias extrativas cresceu 4,8% na mesma base de comparação, estimulado pela alta nos preços internacionais de *commodities* e pelo crescimento das importações mundiais. No entanto, a queda recente nos preços do minério de ferro deve atenuar esses estímulos. As atividades que compõem a indústria de transformação, em contrapartida, recuaram 3,8% na margem. Embora siga reduzindo os níveis de ociosidade, o setor ainda enfrenta restrições de oferta, com escassez e encarecimento de insumos em vários segmentos industriais. A Dimac estima que a produção industrial (medida pela PIM-PF) de julho tenha recuado 1% na série sem efeitos sazonais. Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficaria em -0,6%.

O setor da construção, por sua vez, começa a dar sinais de uma trajetória mais robusta de crescimento. A elevação dos níveis de confiança dos empresários tem refletido um aquecimento da atividade do setor, assim como da demanda. Juntamente com o setor agropecuário, a construção tem sido a grande responsável pelo aumento observado na demanda por máquinas e equipamentos. Isso tende a contribuir positivamente para a evolução da formação bruta de capital fixo (FBCF) no segundo trimestre, aumentando a previsão de crescimento interanual, que passaria de 26,8% para 27,7%. O crescimento previsto para 2021 passou de 10,7% para 10,9%. Seu resultado, no entanto, segue influenciado pelo efeito contábil das operações de comércio exterior associadas ao regime aduaneiro Repetro.

Em relação ao setor agropecuário, a *Nota de Conjuntura* nº 18⁴ apresenta as novas previsões de crescimento do PIB agropecuário, que foram reduzidas de 2,6% para 1,7% em 2021. A redução da previsão de crescimento deve-se, principalmente, a uma estimativa menor do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) para a safra de milho, cuja queda passou de -3,9% para -11,3%, e aos primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, que vieram abaixo do que esperávamos inicialmente em relação ao cenário da produção de bovinos. Para 2022, espera-se, com base no prognóstico inicial da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a produção vegetal, um crescimento maior, de 3,3%.

Por fim, com base nos resultados do Monitor do PIB, da FGV, e nos indicadores de comércio exterior calculados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), elevamos a contribuição negativa das exportações líquidas no segundo trimestre, com forte crescimento das importações de bens e serviços, cuja previsão aumentou de 20,2% para 30% em termos interanuais. Com isso, o crescimento das importações em 2021 também foi revisado para cima, passando de 9,2% para 11,4%.

Não obstante os ajustes realizados na sua composição, mantivemos inalteradas nossas projeções para o crescimento do PIB no segundo trimestre, assim como para o acumulado no ano em 2021 e 2022. Em relação a 2021, o cenário apresenta alguns fatores de risco, como a pior crise hídrica nos últimos 91 anos, que estimulou o governo a lançar um programa de adesão voluntária para estimular a economia de energia entre os grandes consumidores, como é o caso da indústria. Em segundo

4. Disponível em: < <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/08/projecao-do-valor-adicionado-do-setor-agropecuario-para-2021-e-2022/>>.

lugar, a recente piora no quadro de contágio da Covid-19 em função da variante delta – com um novo crescimento nas estatísticas de internações, a incerteza sobre o processo de normalização dos níveis de mobilidade aumenta. Além disso, a piora no quadro pandêmico em outros países, particularmente na China, implicando inclusive em paralisações da atividade portuária, tem piorado o cenário de escassez e aumento de custo de insumos industriais, com possíveis impactos nos índices de inflação. Em relação a 2022, embora optemos no momento por não alterar a previsão anterior, trabalhamos com viés de baixa, em virtude da aceleração do ciclo de aperto na política monetária.

TABELA 1
Projeções: taxas de crescimento do PIB e de seus componentes
(Em %)

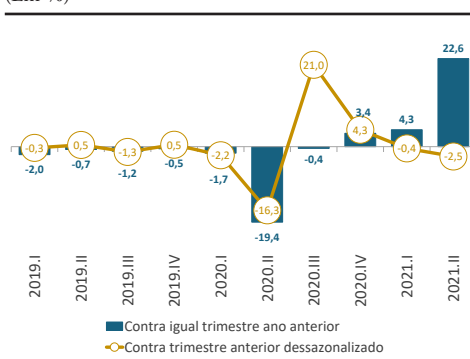
	Observado				Previsto			
	2019	2020	2020-T4	2021-T1	2021-T2		2021	2022
			Trim. Ano anterior	Trim. Ano anterior	Trim. Ano anterior	Trim. Anterior dessazonalizado		
PIB	1,4	-4,1	-1,1	1,0	12,6	0,2	4,8	2,0
Agropecuária	0,6	2,0	-0,4	5,2	6,9	1,3	1,7	3,3
Indústria	0,4	-3,5	1,2	3,0	17,0	-0,7	5,4	1,4
Serviços	1,7	-4,5	-2,2	-0,8	10,6	0,7	4,8	2,1
Consumo das famílias	2,2	-5,5	-3,0	-1,7	12,5	1,1	4,1	2,2
Consumo do governo	-0,4	-4,7	-4,1	-4,9	3,9	0,5	1,8	2,0
FBCF	3,4	-0,8	13,5	17,0	27,7	-6,8	10,9	3,5
Exportações de bens e serviços	-2,4	-1,8	-4,3	0,8	13,5	10,6	7,7	3,9
Importações de bens e serviços	1,1	-10,0	-3,1	7,7	30,0	5,6	11,4	5,3

Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Indústria

Segundo a PIM-PF/IBGE, a produção física da indústria permaneceu estável na comparação entre junho e maio, na série sem efeitos sazonais. Com esse resultado, o segundo trimestre registrou recuo de 2,5% na margem, com alta de 22,6% sobre o mesmo período de 2020 (gráfico 1). Após encerrar o primeiro trimestre com *carry-over* de -1,9%, o setor permaneceu praticamente estagnado ao longo dos três meses seguintes. Entre as classes, o segmento das indústrias extrativas cresceu 4,8% na mesma base de comparação, estimulado pela alta nos preços internacionais de *commodities* e pelo crescimento das importações mundiais. As atividades que compõem a indústria de transformação, em contrapartida, recuaram 3,8% na margem (tabela 2). Entre os grandes grupos econômicos, o destaque negativo ficou por conta da produção de bens de consumo. Enquanto o segmento de bens duráveis encerrou o segundo trimestre com queda dessazonalizada de 8,6%, o de bens semi e não duráveis caiu 6,4%.

GRÁFICO 1
Produção industrial: evolução das taxas de crescimento
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2

Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Abr./21	Mai/21	Jun./21	TRIM ¹	Abr./21	Mai/21	Jun./21	TRIM ¹	no ano	Em doze meses
Geral	-1,5	1,4	0,0	-2,5	34,7	24,1	12,0	22,6	12,9	6,6
Classes										
Indústrias Extrativas	1,6	1,9	-0,7	4,8	3,7	11,8	4,0	6,5	2,2	-1,1
Transformação	-2,1	1,2	-0,5	-3,8	40,2	25,8	13,1	25,0	14,5	7,7
Categorias Econômicas										
Capital	3,1	1,4	1,4	-1,5	124,9	76,6	54,8	80,1	45,6	20,4
Intermediários	-1,2	-0,6	-0,6	-1,6	25,6	18,1	10,8	17,6	10,9	7,2
Consumo	-0,6	1,2	-0,9	-8,2	41,4	27,0	6,2	22,8	10,7	3,2
Duráveis	-1,8	-2,2	-0,6	-8,6	429,8	149,5	30,9	126,8	36,5	11,5
Semi e Não-Duráveis	-1,1	3,6	-1,3	-6,4	17,4	13,2	1,6	10,1	5,5	1,2
Insumos da Construção Civil	-0,3	1,3	0,4	-0,2	66,4	34,2	17,3	36,3	25,2	17,0

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A Dimac estima que a produção industrial de julho tenha recuado 1% na série sem efeitos sazonais, com alta de 1,4% na comparação com o mesmo período de 2020. Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficaria em -0,6%. Esse resultado teria influência negativa das indústrias extrativas, que recuariam 1,9% na margem. Já a indústria de transformação registraria avanço na comparação dessazonalizada, com alta de 0,8% em julho. O bom desempenho do setor manufatureiro ocorreu de forma disseminada entre os setores produtivos, com destaque para a produção têxtil e de vestuário, com crescimento previsto de 11,8% e 11,3%, respectivamente. A produção de autoveículos, por sua vez, exerceu a maior contribuição negativa, com previsão de 4% de queda na margem (tabela 3).

TABELA 3

Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para julho de 2021 – variação contra o período anterior dessazonalizada

(Em %)

	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21 (previsão)
Indústria geral	0,2	-0,9	-2,4	-1,5	1,4	0,0	-1,0
Indústrias extrativas	1,4	-5,3	6,1	1,6	1,9	-0,7	-1,9
Indústrias de transformação	-0,5	-0,8	-3,2	-2,1	1,2	-0,5	0,8
Alimentos	2,6	0,1	0,3	-3,4	2,9	-1,3	1,1
Têxtil	-2,5	-9,6	-6,6	-4,5	-6,3	1,8	11,8
Vestuário	1,4	-4,6	-23,0	-1,7	6,3	-1,2	11,3
Couro e calçados	1,7	-6,8	-13,8	-5,3	5,0	6,0	7,1
Celulose e papel	5,2	0,7	0,3	-3,0	-0,2	-5,3	3,5
Derivados de petróleo e biocomb.	-1,4	-0,5	2,6	-9,9	2,7	4,1	-2,6
Limpeza e perfumaria	3,6	-3,5	0,0	-2,6	1,2	0,0	2,3
Químicos	0,5	2,7	-3,6	0,8	2,9	-0,8	-1,4
Farmacêuticos	-0,7	-2,1	-7,6	-1,5	8,0	-0,1	0,4
Borracha e plásticos	-1,9	0,3	-4,2	-3,2	-4,1	0,3	4,5
Minerais não-metálicos	0,6	-0,3	-2,5	2,1	-0,4	-0,3	3,3
Metalurgia	-11,9	1,6	-0,5	0,4	2,6	0,6	0,6
Metais	-2,6	-4,1	-1,1	-4,2	0,5	-2,9	7,3
Informática e eletrônicos	-9,7	0,8	1,5	-1,0	2,0	1,9	5,8
Máquinas e materiais elétricos	1,1	-1,3	-2,4	-3,9	0,1	-2,5	8,4
Máquinas e equipamentos	-2,3	2,8	-0,7	2,5	-1,4	2,9	0,6
Veículos automotores	-0,4	-7,7	-9,4	1,6	0,3	-3,8	-4,0
Outros equipamentos de transporte	-16,4	6,8	35,6	0,0	-2,7	11,0	2,4
Outros produtos	14,5	-8,1	0,4	-3,1	1,7	-5,8	0,9
Insumos construção civil	0,1	0,4	-1,6	-0,3	1,3	0,4	1,7

Fontes: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A retomada da economia global também tem sido um dos principais responsáveis pelo bom desempenho do setor extrativo. Estimulado pela melhora nos preços internacionais e pelo crescimento da demanda mundial, o segmento foi o grande destaque da indústria no segundo trimestre, com alta de 4,8% na margem. A análise desagregada, com base nos dados disponibilizados pelo IBGE, indica que, apesar de alguma acomodação em junho, o bom desempenho do segundo trimestre ocorreu de forma generalizada (tabela 4). Já na comparação acumulada no ano, três segmentos apresentam variação positiva, a saber: gás natural (0,8%), minerais não metálicos (14%) e minérios de ferro (9%). Em relação a este último, cabe ressaltar a forte queda recente ocorrida nos preços internacionais, em decorrência da desaceleração da produção de aço na China.

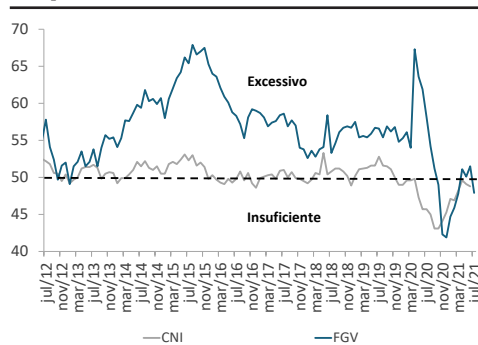
TABELA 4
Produção industrial, indústrias extrativas: taxas de variação acumuladas em doze meses (Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Abr./21	Mai/21	Jun./21	TRIM	Abr./21	Mai/21	Jun./21	TRIM	no ano	Em doze meses
Extrativa total (PIM-PF)	1,6	1,9	-0,7	4,8	3,7	11,8	4,0	6,5	2,2	-1,1
Gás natural	0,9	-2,1	-0,6	1,7	3,5	10,7	-1,1	4,2	0,8	-0,8
Petróleo e serviços de apoio a extração de minerais	2,4	-3,1	-1,0	1,8	-0,6	5,2	-5,6	-0,5	-4,3	-3,3
Minérios de ferro	1,0	3,7	-1,2	3,6	6,8	18,1	13,2	12,8	9,0	1,0
Minerais metálicos não-ferrosos	3,5	0,5	-2,8	5,7	-17,2	-13,0	-12,2	-14,1	-21,6	-18,9
Carvão mineral	4,8	-0,9	-7,1	7,0	7,3	10,6	3,5	7,1	-3,7	-19,8
Minerais não-metálicos	6,4	10,2	-3,9	12,8	21,4	25,4	14,6	20,3	14,0	11,8

Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O fraco desempenho do setor manufatureiro ao longo do segundo trimestre foi explicado em parte pela forte queda na produção de bens de consumo, que registrou recuo de 8,2% na comparação com o período anterior, na série livre de efeitos sazonais. No entanto, com base nos dados da Secex, o volume de importações cresceu 5,8% no mesmo período, indicando que uma parcela da demanda por bens de consumo duráveis tem sido atendida pela produção de outros países. Como uma das explicações, o setor segue enfrentando restrições de oferta, com escassez e consequente encarecimento de insumos em grande parte dos segmentos. Após o processo de ajustamento dos estoques realizado ao longo do primeiro semestre, a indústria voltou a registrar níveis abaixo do planejado em julho (gráfico 2).

GRÁFICO 2
Evolução do nível de estoques na indústria de transformação – efetivo versus planejado (jul./2012-jul./2021) (Em pontos)



Fonte: Confederação Nacional da Indústria (CNI); Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O setor da construção, por sua vez, começa a dar sinais de uma trajetória mais robusta de crescimento. A elevação dos níveis de confiança dos empresários tem refletido um aquecimento da atividade do setor, assim como da demanda. Segundo

a Sondagem Indústria da Construção, da CNI, os níveis de atividade e emprego no setor registraram melhora ao longo do segundo trimestre, atingindo em junho um patamar que indica crescimento, pela primeira vez em seis meses. Pelo lado da demanda, as concessões de crédito imobiliário, tanto para pessoa física quanto para pessoa jurídica, registraram crescimento na margem no segundo trimestre, com altas de 11,8% e 4,7%, respectivamente (tabela 5). No entanto, o início do ciclo de normalização da taxa de juros tende a exercer impacto altista no crédito imobiliário. Juntamente como o setor agropecuário, a construção tem sido o grande responsável pelo aumento observado na demanda por máquinas e equipamentos (gráfico 3). Como consequência, esperamos um resultado menos negativo para a FBCF em relação ao primeiro trimestre do ano, acompanhado por uma forte alta na comparação interanual. Seu resultado, no entanto, segue influenciado pelo efeito contábil das operações de comércio exterior associadas ao regime aduaneiro Repetro.

TABELA 5

Construção civil: indicadores coincidentes – evolução das taxas de variação
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior					Acumulado	
	Abr./21	Mai./21	Jun./21	Jul./21 ¹	2º TRIM	Abr./21	Mai./21	Jun./21	Jul./21	2º TRIM	no ano	Em doze meses
Insumos da construção civil - IBGE	-0,3	1,3	0,4	1,7	-0,2	66,4	34,2	17,3	6,8	36,3	25,2	17,0
Índice de confiança indústria - mat.de construção - FGV	-5,9	2,7	2,1	-1,1	-5,2	100,7	98,4	69,7	26,6	88,4	43,7	36,8
Vendas de materiais de construção - IBGE	4,0	3,2	-2,3	-	3,0	44,3	25,7	5,3	-	22,6	21,5	22,0
Índice de confiança construção - FGV	-4,3	2,6	6,0	3,6	-3,2	30,8	28,2	19,8	14,7	26,0	10,8	7,8
Produção de bens de capital para construção - IBGE	4,1	-3,5	2,3	-	1,7	100,0	75,2	158,6	-	106,4	66,9	34,0
Índice de atividade construção - CNI	3,6	4,1	5,4	-	7,1	58,2	30,5	15,1	-	31,7	21,1	10,8
Índice de emprego construção - CNI	2,0	4,6	4,1	-	4,6	32,9	28,5	15,7	-	25,0	13,2	8,1
Concessões crédito imobiliário - pessoa física - BCB	2,0	8,2	-7,4	-	11,8	86,4	101,7	61,6	-	81,6	70,3	56,9
Concessões crédito imobiliário - pessoa jurídica - BCB	-24,3	24,3	18,9	-	4,7	-26,1	-17,6	76,1	-	4,8	19,1	29,7

Fonte: Ipea; IBGE.

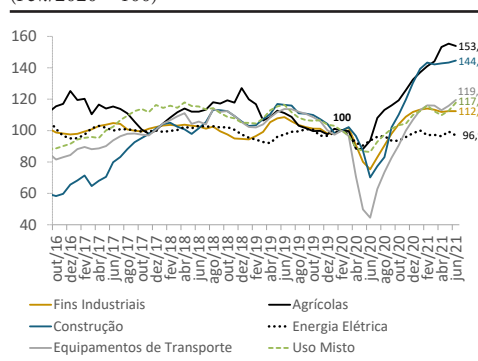
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ A taxa de variação dos insumos da construção civil em julho refere-se à previsão da Dimac/Ipea.

Além das dificuldades inerentes aos efeitos herdados da crise sanitária, as perspectivas para o setor industrial ao longo dos próximos trimestres estão condicionadas a alguns fatores de risco. Em primeiro lugar, o país enfrenta uma grave crise hídrica, e, a fim de evitar a ocorrência de apagões e de um racionamento forçado, o Ministério de Minas e Energia (MME) está iniciando um programa de adesão voluntária para estimular a economia de energia entre os grandes consumidores, como é o caso da indústria. Em segundo lugar, a recente piora no quadro de contágio da Covid-19 em função da variante delta, com novo crescimento nas estatísticas de internações,

GRÁFICO 3

Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – séries dessazonalizadas (médias móveis de três meses)
(Fev./2020 = 100)

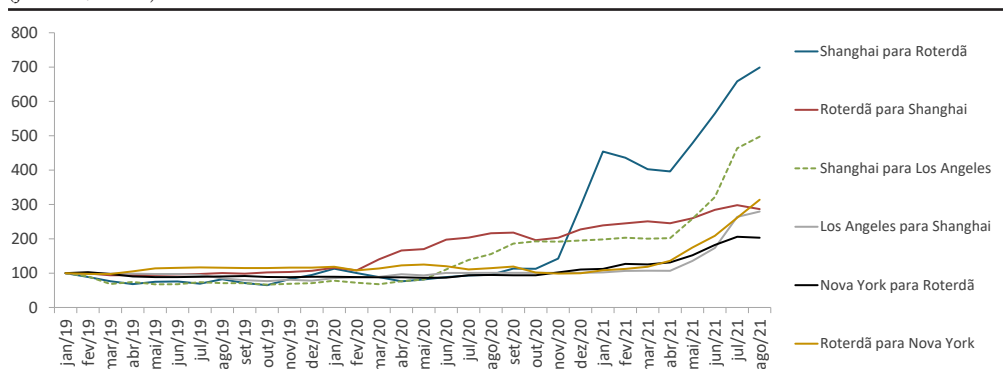


Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

aumenta a incerteza sobre o processo de normalização dos níveis de mobilidade urbana. Além disso, a piora no quadro pandêmico em outros países, particularmente na China, implicando paralisações da atividade portuária, tem agravado o cenário de escassez e aumento de custo de insumos industriais, com possíveis impactos nos índices de inflação. Como impacto imediato, já se verifica um aumento nos custos de transporte marítimo provenientes da China em algumas rotas importantes (gráfico 4).

GRÁFICO 4
Transporte marítimo de carga: evolução do preço dos fretes por rota
(Jan./2019 = 100)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

O avanço no processo de normalização dos níveis de mobilidade e a retomada de alguns programas de transferência de renda em abril, como o auxílio emergencial e o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, ajudam a explicar o crescimento do comércio varejista no segundo trimestre do ano. Segundo a PMC/IBGE, apesar da queda de 2,3% em junho, as vendas no varejo encerraram o segundo trimestre com alta de 3% na comparação dessazonalizada (gráfico 5). O recuo em junho, em parte explicado pela revisão ocorrida em maio, elevando a base de comparação, interrompeu duas altas consecutivas na margem, e ocorreu de forma disseminada entre os segmentos. Os destaques negativos ficaram por conta dos segmentos de tecidos, vestuário e calçados; e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, com quedas de 3,6% e 3,5%, respectivamente. Já o setor de materiais de construção exerceu a maior contribuição positiva, com alta de 1,9% na margem, a terceira variação positiva seguida (tabela 6).

Em relação a julho, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac espera uma baixa de 0,4% na margem para o varejo ampliado, com crescimento interanual de 4,8%. Essa acomodação seria disseminada entre os segmentos, com destaque negativo para as vendas em hiper e supermercado, com previsão de queda de 1,5% na comparação já livre de efeitos sazonais. Já a venda de automóveis permaneceria estável, enquanto o segmento de artigos farmacêuticos seria o único a registrar crescimento na margem em julho, com alta de 0,7% (tabela 7).

TABELA 6

Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Abr./21	Mai/21	Jun./21	TRI ¹	Abr./21	Mai/21	Jun./21	TRI	no ano	Em 12 Meses
Comércio varejista restrito^a	2,5	2,7	-1,7	3,0	23,6	15,9	6,2	14,7	6,7	5,9
Comércio varejista ampliado^b	4,0	3,2	-2,3	3,0	40,9	26,2	11,5	24,8	12,3	7,9
Combustíveis e lubrificantes	2,8	6,8	-1,2	2,8	19,4	19,5	11,5	16,6	3,9	-2,1
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-1,6	1,0	-0,5	1,2	-1,8	-4,3	-3,0	-3,0	-2,8	0,8
Hipermercados e supermercados	-1,5	1,0	-0,5	1,3	-1,6	-4,3	-3,0	-3,0	-2,3	1,7
Tecidos, vestuário e calçados	16,3	10,2	-3,6	14,7	300,7	165,3	61,8	131,1	32,6	3,9
Móveis e eletrodomésticos	19,1	0,9	1,6	7,5	71,1	22,7	-5,4	21,5	11,0	16,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	0,1	-1,0	0,4	-0,9	34,0	19,5	13,1	21,5	16,2	14,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	8,7	4,2	5,0	15,7	96,0	59,3	17,2	49,2	-22,8	-28,3
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	10,5	3,1	-3,5	3,3	46,7	32,7	3,3	24,5	5,9	-3,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	21,5	6,3	-2,6	11,7	104,6	59,6	22,6	54,2	31,6	20,6
Veículos, motos, partes e peças	20,3	1,2	-0,2	7,1	131,6	72,3	33,1	68,8	27,5	8,3
Materiais de construção	7,7	4,9	1,9	3,9	44,3	25,7	5,3	22,6	21,5	22,0

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

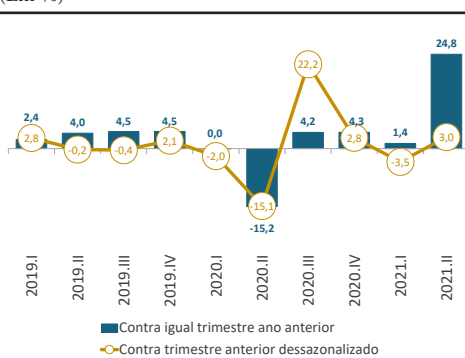
² O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

³ O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

A lenta recuperação do mercado de trabalho continua sendo um empecilho para o desempenho do consumo de bens, principalmente nas faixas de renda mais baixas, em que o impacto da aceleração inflacionária tem sido mais severo. Além disso, os últimos meses têm registrado aumento dos níveis de endividamento das famílias. De acordo com a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o percentual de famílias com dívidas ou contas em atraso cresceu pelo terceiro mês consecutivo, atingindo 71%. Desse, 10,9% declararam não ter, no momento, condições de reduzir ou quitar suas dívidas, o que pode vir a pressionar os índices de inadimplência. Por fim, uma possível migração de parte do consumo de bens para serviços pode vir a reduzir o ímpeto do comércio ao longo do segundo semestre do ano.

GRÁFICO 5

Comércio varejista ampliado: evolução das taxas de variação
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 7

Comércio varejista: desempenho recente e previsão para julho de 2021 – variação contra o período anterior dessazonalizada

(Em %)

	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21 (previsão)
Varejo ampliado	-2,3	3,4	-4,9	4	3,2	-2,3	-0,4
Varejo restrito	-0,2	0,6	-1,4	2,5	2,7	-1,7	-1,1
Combustíveis e lubrificantes	0,3	-0,5	-5,5	2,8	6,8	-1,2	-1,2
Hiper e supermercados	-1,8	0,8	3,3	-1,6	1	-0,5	-1,5
Tecidos, vestuário e calçados	-14,8	6	-12	16,3	10,2	-3,6	0,0
Móveis e eletrodomésticos	-9,2	9	-18,7	19,1	0,9	1,6	-0,9
Artigos farmacêuticos e perfumaria	2,2	-0,5	-0,4	0,1	-1	0,4	0,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	-4,3	8,6	-19,8	20,3	1,2	-0,2	-0,1
Material de construção	0,3	3,2	-11,8	7,7	4,9	1,9	-1,3

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços



Segundo a PMS/IBGE, após recuar 3% na passagem entre fevereiro e março, período em que o agravamento da crise sanitária obrigou a uma nova redução de mobilidade, o setor registrou três altas consecutivas na margem, encerrando o segundo trimestre com avanço de 2% (gráfico 6). A alta de 1,7% em junho representou a 12ª variação positiva em treze meses. Entre os segmentos, o crescimento foi generalizado, com destaque novamente para os serviços prestados às famílias, que avançaram 8,1% na margem e 72,7% sobre junho de 2020 (tabela 8).

TABELA 8
Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Abr./21	Maior/21	Jun./21	TRI ¹	Abr./21	Maior/21	Jun./21	TRI	no ano	Em 12 Meses
Total	1,0	1,7	1,7	2,0	20,1	23,3	21,2	21,5	9,5	0,4
1. Serviços prestados às famílias	9,7	18,3	8,1	3,7	65,8	76,8	72,7	72,0	2,9	-21,0
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	11,3	18,6	8,5	3,9	76,8	87,9	82,2	82,5	4,1	-21,4
1.2 Outros serviços prestados às famílias	1,5	6,9	2,6	6,6	27,8	35,8	34,5	32,7	-3,1	-18,9
2. Serviços de informação e comunicação	2,5	-0,6	2,5	4,6	12,8	14,1	13,6	13,5	8,4	3,7
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	2,7	-1,1	1,3	3,7	11,7	12,5	10,8	11,7	8,7	5,2
2.1.1 Telecomunicações	0,7	0,0	-0,3	0,0	0,9	1,9	0,7	1,2	0,2	-1,4
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	4,8	-0,9	1,5	8,2	31,2	31,5	26,7	29,7	23,4	16,6
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	0,3	1,4	12,0	12,1	23,6	31,5	44,2	33,1	6,0	-7,5
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,4	2,2	1,4	2,0	12,2	16,3	16,5	15,0	5,5	-4,2
3.1 Serviços técnico-profissionais	0,5	1,3	1,3	2,3	14,9	25,7	21,4	20,6	13,1	3,5
3.2 Serviços administrativos e complementares	-1,4	2,8	1,2	1,2	11,1	12,7	14,8	12,9	2,7	-7,1
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,1	4,2	1,7	3,5	31,0	32,6	28,0	30,5	14,8	3,1
4.1 Transporte terrestre	-1,1	4,2	1,0	2,3	37,1	32,8	29,5	33,0	15,1	1,4
4.2 Transporte aquaviário	7,4	-3,8	0,6	6,4	17,1	14,0	15,9	15,6	11,7	9,5
4.3 Transporte aéreo	-21,8	71,6	21,2	6,9	136,4	217,5	161,8	173,4	19,5	-17,0
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,0	3,9	-1,9	3,7	21,2	23,0	14,4	19,4	14,4	8,8
5. Outros serviços	-0,5	1,2	2,3	4,9	4,2	22,2	15,6	18,2	9,5	9,0
Atividades Turísticas²	-2,3	27,7	11,9	1,4	4,2	102,5	92,6	89,8	4,6	-22,2

Fonte: PMS/IBGE.

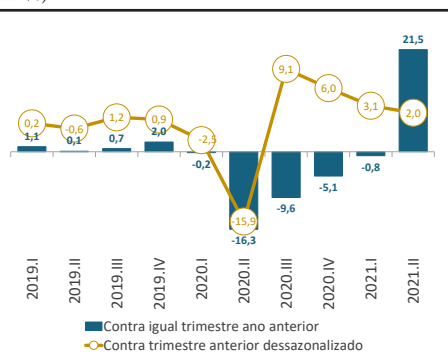
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade turismo.

Para julho, a Dimac/Ipea estima que a receita de serviços medida pela PMS apresente alguma acomodação, com queda de 1% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 14,2% acima do mesmo período do ano passado. Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficaria em 0,6%. Entre os cinco segmentos, a queda em julho seria bastante disseminada, com destaque negativo para os serviços de informação e comunicação e outros serviços, com quedas de 3,2% e 2,9% na margem, respectivamente. A exceção ficaria por conta dos serviços prestados às famílias, com crescimento previsto de 2,1% (tabela 9).

GRÁFICO 6
Serviços: evolução das taxas de variação
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 9

Serviços: desempenho recente e previsão para julho de 2021 – variação contra o período anterior dessazonalizada
(Em %)

	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21 (previsão)
Serviços - total	0,6	3,9	-3,0	1,0	1,7	1,7	-1,0
Serviços prestados às famílias	-2,1	9,2	-28,0	9,7	18,3	8,1	2,1
Serviços de informação e comunicação	-0,7	0,3	2,3	2,5	-0,6	2,5	-3,2
Serviços profissionais	2,3	3,1	-0,9	-0,4	2,2	1,4	-0,9
Armazenagem, aux. aos transportes e correio	3,4	4,5	-2,2	0,1	4,2	1,7	-1,7
Outros serviços	-9,6	5,1	3,2	-0,5	1,2	2,3	-2,9

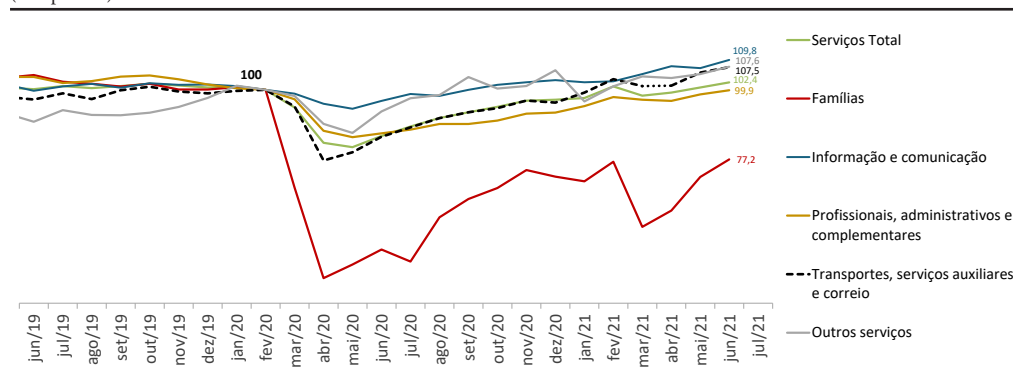
Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O segmento de serviços prestados às famílias, cujas atividades são mais dependentes de interação presencial, registrou aumento acumulado de 40,3% ao longo do segundo trimestre. Ainda assim, encontra-se num patamar 22,8% inferior ao observado em fevereiro de 2020 (gráfico 7). Com o avanço na campanha nacional de vacinação e a consequente melhora nos indicadores de mobilidade urbana, essa demanda reprimida deverá sustentar a trajetória de recuperação dos serviços ao longo do segundo semestre, significando um importante *driver* para o crescimento da demanda doméstica. Com base nos dados divulgados pelo Google, os efeitos do aumento dos níveis de mobilidade nos últimos meses têm sido mais significativos na demanda por serviços e menores no comércio de bens (gráfico 8).

GRÁFICO 7

PMS: evolução do total e segmentos – índices dessazonalizados (jan./2019-abr./2021)

(Em pontos)

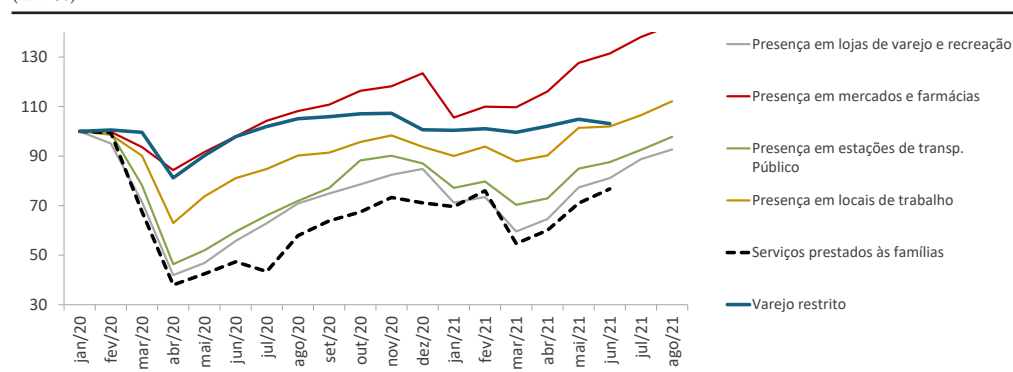


Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8

Indicadores de mobilidade versus atividade econômica – variação em relação aos níveis de janeiro de 2020 (jan./2020-ago./2021)

(Em %)



Fonte: IBGE; Google.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)



Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Cristiano da Costa Silva
Sidney Martins Caetano
Tarciso Gouveia da Silva

Equipe de Assistentes:

Caio Rodrigues Gomes Leite
Carolina Ripoli
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Guilherme Melo Mazala Carvalho
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Marcelo Vilas Boas de Castro
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.